



UFPB

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
BACHARELADO EM RADIALISMO**

CANNABIS

[CITY]

CAIO BRITO BANDEIRA

JOAO PESSOA
2019

CAIO BRITO BANDEIRA

CANNABIS
[CITY]

Relatório que comporta o Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação, curso de Radialismo, da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Radialismo.

Orientador: Prof. Lucio Cesar Fernandes Murilo

JOAO PESSOA
2019

Orientador: Profº Lucio Cesar Fernandes Murilo

Banca examinadora:

Professor Lucio Cesar Fernandes Murilo **Nota:** _____

Professor Dr. Luiz Antonio Mousinho Magalhães **Nota:** _____

Professor Ms. Artur Barbosa Lima Maia **Nota:** _____

Nota final: _____

Aprovado em ____ de Setembro de 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe e a minha avó que, desde sempre, me ensinaram a questionar tudo e todos, e mesmo sem entender o que defendo ou defendia me deram todo suporte necessário para que eu chegasse onde estou hoje.

Aos meus amigos e equipe, Renato Mendonça, Marcella Oliveira e Roberto Farias, que estiveram presentes nas horas do desespero e nas horas de comemoração.

Ao meu orientador, Lúcio César que, com toda sua paciência e calma me ensinou e confortou com experiências, histórias e conhecimento.

“Existe o filme ideal e o filme possível.”

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 O DOCUMENTÁRIO.....	10
3 MACONHA É DROGA DE BRANCO?.....	13
4 O MACONHEIRO E O ESTIGMA.....	15
5 CANNABIS [CITY].....	18
5.1 Pré-produção.....	18
5.2 Produção.....	20
5.3 Pós-produção.....	23
6 CRONOGRAMA EXECUTADO.....	25
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26
ANEXOS.....	27

RESUMO

O uso de maconha é citado como primeiro lugar de consumo dentre as drogas ilícitas. Dito isto, este projeto se constituiu na realização de um curta documentário que, feito por meio de entrevistas com entidades que estão à frente da luta pela legalização da maconha medicinal em João Pessoa na Paraíba e com usuários recreativos da planta que também participam ativamente da militância canábica, tem como objetivo desconstruir o misticismo e o preconceito que rondam a maconha e acabam por formar uma imagem distorcida desta planta medicinal cultivada há milênios.

Palavras-chaves: Maconha; Criminalização; Uso Medicinal; Racismo.

ABSTRACT

Marijuana use appears at first place of consumption among illicit drugs. Through interviews with entities that are leading the fight for medical marijuana legalization in João Pessoa, Paraíba, and with recreational plant users who also actively participate in cannabis activism, this project consists in a short documentary that aims to deconstruct the mysticism and prejudice about marijuana, which eventually forms a distorted image of this medicinal plant cultivated for millennia.

Key Words: Marijuana; Criminalization; Medicinal Use; Racism.

1 INTRODUÇÃO

Maconha, liamba, cânhamo, marijuana, cannabis, ganja. Esta planta de origem asiática com o tempo começou a se espalhar para a Europa e África. Apesar de seu uso dentro da sociedade ser antigo – foi uma das primeiras plantas a ser incorporada nas práticas da agricultura humana - foi proibida definitivamente no começo do século XX. O Segundo Levantamento Nacional de Álcool e Drogas classificou a maconha como a droga ilícita mais consumida no mundo¹. Apesar de alguns países já possuírem legislação própria quando se diz respeito ao uso medicinal e recreativo da maconha (Portugal, Espanha, Canadá, Uruguai, Estados Unidos da América, Holanda e Israel), a maioria ainda vive em constante estado de guerra entre policiais e traficantes. A legislação brasileira, por exemplo, classifica a cannabis como ilegal, proibindo assim, o seu porte, posse e venda. Hoje em dia, a maconha é uma das causadoras do maior número de encarceramento de pessoas negras no Brasil.

A discussão sobre o uso da maconha de modo terapêutico no Brasil cresce de maneira acelerada desde 2014, quando inúmeros casos de crianças com epilepsia e outras doenças tratáveis a base de maconha começaram a aparecer na mídia. Apesar do alarmante nível de desinformação dentro da esfera política brasileira e por pessoas de diversos grupos, independentemente da classe social e níveis de educação formal aos quais pertencem, grandes mudanças a respeito da cannabis vêm alcançando os holofotes e avançando dentro da sociedade, que eventualmente começa a perceber a necessidade de um amplo debate a respeito da maconha. Segundo dados corroborados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 1,9 milhões de pessoas no Brasil sofrem de epilepsia² – sendo 50 milhões no mundo inteiro. Após a divulgação dessa pesquisa, este distúrbio cerebral foi considerado uma das doenças neurológicas mais comuns do planeta. A epilepsia não tem cura, apenas tratamentos com remédios lícitos que, muitas

¹ <<https://inpad.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Lenad-II-Relatório.pdf>>. Acessado em: 06 de julho de 2019.

² <<http://portaldonic.com.br/jornalismo/2017/05/24/epilepsia-atinge-19-milhao-de-brasileiros/>> Acessado em: 01 de julho de 2019

vezes, causam mais efeitos colaterais do que benefícios para o paciente. Existem, porém, pesquisas concretas que mostram a eficácia do uso de um dos principais componentes da maconha, o canabidiol (CBD) como uma alternativa mais natural e com quase ou nenhum contra-efeito para o tratamento da doença.

Para contribuir com o crescimento de tal discussão, cientistas da Universidade de Nova York, nos Estados Unidos, testaram o canabidiol em pacientes com epilepsia que não melhoravam tomando outros remédios aprovados para controlar o problema. Todos os 214 voluntários, que tinham entre 01 e 30 anos, tomaram uma certa quantidade por dia do medicamento (que não é alucinógeno) por 12 semanas. Os resultados mostraram que a droga, além de segura, reduz a frequência das crises epiléticas.³

No Brasil, mais especificamente no estado da Paraíba - onde a discussão sobre a descriminalização da maconha está acontecendo com maior facilidade e abertura – existem algumas entidades que participam ativamente da militância canábica, facilitando o alcance ao óleo medicinal (por meio de ordens judiciais quando comprovado a necessidade do uso por um médico) e dando assistência as famílias que lutam diariamente com alguma enfermidade de difícil cura, como é o caso da ABRACE e da Liga Canábica. Ações para a retomada do uso da maconha para fins medicinais, mesmo que lentamente, vem crescendo a cada ano. Desde 2015, os produtos derivados da maconha foram prescritos por mais de 800 médicos brasileiros. Cada paciente precisa solicitar liberação à Anvisa para adquirir o medicamento. Hoje, 4.617 pessoas já têm autorização para importar para uso próprio.⁴

Dito isto, a ideia de produzir esse curta-documentário partiu de uma necessidade de falar sobre este tema que é tratado com preconceito e discriminação em nossa sociedade, onde o presente trabalho científico busca contribuir com a discussão e esclarecimento sobre o uso da planta. Pesquisando mais sobre o tema percebi que uma pessoa da minha família possuía uma condição passível de ser tratada com o óleo extraído da maconha, porém, na

³<https://saude.abril.com.br/bem-estar/remedio-de-maconha-para-tratar-epilepsia/> Acessado em 01 de julho de 2019

⁴<https://www.bbc.com/portuguese/geral-44283537> Acessado em 9 de julho de 2019

época, o assunto ainda era tratado como um tabu dentro do ambiente familiar e por isso ninguém tinha a ciência de que, em João Pessoa, já era possível adquirir legalmente esse tipo de medicamento. Decidi fazer a presente pesquisa procurando contribuir com informações a respeito do uso dessa simples planta, e para isso a produção de um produto na forma de um vídeo documentário para dar voz a pessoas que utilizam da planta, me pareceu à forma mais prática e de maior eficácia tendo a capacidade de uma maior representação. O documentário se ocupa de temas reais, ou seja, que resultaram ou ainda resultam em efeitos reais sobre a sociedade.

O objetivo principal do produto realizado foi trazer informações sobre a origem puramente racista que rege a criminalização em cima da planta e também dar visibilidade à maconha e seus efeitos benéficos através de entrevistas com especialistas e usuários, visando começar um processo de conscientização social. Em 4 dias de gravação, junto com uma equipe super reduzida de 4 pessoas, entrevistei três representantes de diferentes projetos envolvendo a maconha terapêutica, que estão a frente dos principais movimentos e pesquisas e três usuários recreativos da planta - todos de distintas classes sociais e com vivências diferentes. Expus aqui como, por um século inteiro, uma planta teve seu uso coibido em cima de justificativas preconceituosas, o efeito da proibição nos dias de hoje e o estigma existente em cima dos usuários.

2 O DOCUMENTÁRIO

Quando assistimos a um documentário, o vemos como um gênero de filme, tal como o drama, a comédia romântica e os musicais. Essa categorização se faz necessária quando abordamos um plano mais amplo, tanto no momento de divulgação e de inscrição do produto elaborado em alguma mostra ou festival, quanto na hora da comercialização. Porém, a complexidade do documentário parece não se encaixar bem dentro de nenhuma definição conhecida de formato audiovisual. Não existe pureza em nenhum âmbito da comunicação humana, e sabendo disso ficamos cientes de que o que realmente existe são os aspectos

predominantes que prevalecem no contexto final. Ao tratarmos de produtos audiovisuais aceitamos que eles são frutos da mistura de outras linguagens, códigos, formatos e técnicas que estão sempre em evolução. Sobre a inexistência de gêneros puros, Rondelli (1998, p.29) diz:

"No caso da televisão, os telejornais e documentários deveriam ser o reino dos discursos sobre o real, enquanto as telenovelas e seriados, o lugar da ficção. Entretanto, esses gêneros além de não serem puros no modo como narrativamente constroem suas representações, convivem com uma série de outros gêneros que transitam entre dois pólos sem nenhum compromisso de serem fiéis ou coerentes com a realidade ou com a ficção, e que ficam mergulhados numa região cinzenta".

Um dos conceitos conhecidos do documentário é a de que ele é a representação do real. De acordo com Peixoto (2015, pg.68) quando assistimos um documentário, inconscientemente supomos que o filme consiste numa narrativa que faz "asserções e postulados sobre o mundo vivido, em um contexto completamente diferente do qual interpreta as narrativas ficcionais." Podemos pontuar uma diferença marcante entre ele e a ficção: a produção de um documentário pressupõe uma maior liberdade criativa, já que ele é majoritariamente construído durante o seu processo de realização. Mesmo com a existência de algum roteiro, o formato final do produto só se define nos dias das filmagens (onde qualquer imprevisto pode acontecer e a improvisação se faz presente muitas vezes), montagem, edição e mixagem.

Outra diferença que pode ser facilmente pontuada é quando tratamos de personagens. A perfectibilidade do filme dialoga com a imperfectibilidade dos intérpretes, personagens reais do mundo existente (PENAFRIA, 1999). Ao contrário da ficção, no documentário não podemos escrever as respostas das perguntas feitas, nem nos dar o luxo de prevê-las. Estamos lidando com pessoas reais, que passaram pelas mais diversas experiências e carregam as mais diferenciadas bagagens.

"A presença da câmera e da equipe de filmagem e o efeito dessa presença no comportamento do sujeito representado, por exemplo, é um dos grandes problemas propostos à representação documental, e um dos motivos freqüentes de críticas e crises quando o assunto é determinar o grau de pureza ou impureza de seus resultados." (LESNOVSKI, 2007, pg.35)

O documentário é utilizado como forma de expressão da sociedade e de registro dos acontecimentos desde o começo do século XIX. Talvez o gênero com maior poder revolucionário por se basear na premissa da representação da realidade. Quando ele atinge um grande público, este começa a questionar os preconceitos que tinham sobre o tema. Por causa do uso de uma linguagem mais aprofundada, os assuntos são abordados com mais clareza, permitindo a quem assiste uma real compreensão do que está sendo exibido. Seguindo essa linha de pensamento podemos então afirmar que esse dispositivo audiovisual pode ser capaz de ajudar a desenvolver uma maior conscientização social, levando informação a locais aonde ela não chega claramente. O estudioso Hélio Godoy, em entrevista concedida para o trabalho de conclusão do curso de jornalismo dos estudantes Maíra Gregolin, Marcelo Sacrini e Rodrigo Tomba, realizado pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), afirmou que: “os documentários são educativos pela sua própria natureza, uma vez que eles são formas de produção de conhecimento. Quando assistimos, nos tornamos donos de seu conhecimento ou de parte dele.” (2002, p. 27). Olhando para a realidade brasileira, onde ainda existe um alto grau de analfabetismo⁵ e baixo poder aquisitivo⁶ da maioria da população, o fácil acesso à cultura e ao conhecimento, acaba se tornando um privilégio que poucos possuem.

Assim compreendemos que, o documentário deve não apenas estabelecer conexões entre os temas abordados e o mundo real, mas também valorizar a cultura, a educação, exercer uma função social e dar vozes àqueles que não possuem meios para se impor.

O fator principal que me moveu a escolher este gênero dentre tantos outros se deu pela possibilidade de trazer à tela grande personagens e falas reais. Acredito também que dar voz a cada um desses indivíduos é também dar voz a suas histórias, lutas e valores. Portanto, o documentário CANNABIS [CITY], a

⁵ <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-ainda-tem-118-milhoes-de-analfabetos-segundo-ibge-22211755> Acessado em 01 de Agosto de 2019

⁶ <https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia/2018/05/recuperacao-lenta-e-baixo-poder-de-compra-especialistas-avaliam-inflacao-no-brasil-cjh0x2d5b043101pad32mf7qe.html> Acessado em 01 de Agosto de 2019

partir do que foi exposto acima, é um produto audiovisual impulsionado por um discurso político e que foi conduzido pelos próprios personagens, já que não inclui um narrador.

3 MACONHA É DROGA DE BRANCO?

Para entender melhor a criminalização da maconha, precisamos contextualizar sua origem. Entre os séculos XIV e XV, com o início das explorações nas Américas pelos europeus, a maconha foi trazida para o nosso continente, tanto pelos exploradores como pelos povos africanos (ao longo dos séculos, a planta foi usada de diferentes formas por diferentes tribos e impérios na África) que foram escravizados.

A história hoje nos conta que após a assinatura da Lei Áurea, em 1888, iniciou-se um grande processo de deslocamento territorial de ex-escravos em busca de oportunidades de vida, o que provocou uma aglomeração nos centros urbanos. A maconha, na época, era consumida e estava inserida dentro da cultura dos escravizados e das senzalas. Ao levar a droga para mais perto das pessoas normais (Goffman, 1963), a população negra sofreu repreensão. Os homens brancos não queriam nada que viesse do negro escravo, era considerado fumo de pobre, um “vício nada elegante” contra os vícios “*chiques*” sociais da elite, como contou Luísa Gonçalves Saad em sua tese “Fumo de Negro”: a Criminalização da Maconha no Brasil:

O “vício da diamba” – “quase desconhecido e originário da África” -, invadia “de modo assustador o interior do Brasil”. Com base nos estudos de Dória e Iglésias, destrinchados adiante, os autores alertavam para essa nova forma de entorpecimento que já formava verdadeiros “clubes de diambistas”, onde os indivíduos tornavam-se ora “agressivos e perigosos”, ora “idiotas”. Já disseminado entre as “classes mais pobres e quase incultas dos nossos sertões”, onde fazia “sua obra destruidora”, a diamba tendia a entrar para o rol dos vícios elegantes. Havia preocupação semelhante de que outros “vícios do povo”, como o candomblé e a capoeira, “subissem” para a dita “boa sociedade”. O vício da maconha parecia seguir o caminho contrário dos vícios elegantes, ameaçando passar da esfera popular para as casas das famílias dos homens que garantiriam o sucesso da nação, sugerindo a verdadeira ameaça aos homens de bem. “A raça outrora captiva, trouxera bem

guardado consigo para ulterior vingança, o algoz que deveria mais tarde escravizar a raça opressora”. Seria o caso da maconha africana que, mais cedo ou mais tarde, entraria para o rol dos vícios espalhados por todas as parcelas da população. Melhor proibir.

O primeiro lugar do mundo a demonizar a maconha e fazer seu uso ser considerado um delito – leve - foi o Rio de Janeiro. No dia 4 de outubro de 1830, foi aprovada, pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, o que ficou conhecido como Lei de Posturas, e dizia que seria penalizado com 3 dias de cadeia os “escravos e outras pessoas” que fumassem maconha. A criminalização oficial da erva no Brasil ocorreu em 1938, por meio do Decreto de Lei nº 891 do Governo Federal durante a Era Vargas – porém o assunto já entrava em pautas internacionais desde o começo do século XX. Elisaldo Araújo Carlini, pesquisador no Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), nos conta que em 1924, na II Conferência Internacional do Ópio, o delegado brasileiro, na frente de mais outros 45 delegados de outros países afirmou que “a maconha é pior do que o ópio”. Desde então, a visão da planta e de seu cultivo como uma prática criminosa e perigosa tem se espalhado pelo mundo, que passa a ignorar rapidamente não somente suas inúmeras vantagens, como também as consequências sociais que vieram junto com o decreto.

Em 1933 são oficialmente registradas no Rio as primeiras prisões resultantes do comércio clandestino da planta (Mamede, 1945) dando início assim, ao que hoje conhecemos como guerra ao tráfico. A jornalista Jeanne Callegari (2012) diz:

No século 20, o mundo resolveu declarar guerra às drogas, colocando-as todas, sem distinção, na ilegalidade. Não deu certo. O consumo jamais foi controlado. Na verdade, há quem acredite que ele até aumentou. De quebra, esse modelo de combate ao mercado ilegal de entorpecentes produz violência, já que a guerra não é apenas contra quem usa, mas também, ou principalmente, contra quem vende. Resultado: em alguns países como o Brasil e a Colômbia, o choque entre os traficantes e as forças que reprimem o narcotráfico chega à beira de uma guerra civil.⁷

Hoje em dia, 86 anos depois, a violência instaurada na sociedade chega a números preocupantes. De acordo com a secretária de Segurança do Rio Grande

⁷ <<https://super.abril.com.br/comportamento/guerra-as-drogas/>> Acessado em 8 de julho de 2019

do Norte, 78% das mortes têm relação com o tráfico de drogas.⁸ O professor do Departamento de Contabilidade e Atuária da FEAUSP Valmor Slomski afirmou que é possível observar o fracasso da política de drogas brasileira nos dados econômicos. “São Paulo tem 230 mil presos; desses, 85 mil são por tráfico”, disse.⁹ Nos Estados Unidos, a população negra tem quase quatro vezes mais chances de ser presa por causa de maconha do que os brancos, embora fumem tanto quanto. No Brasil, a maioria dos presos por pequenas quantidades de droga são jovens negros.¹⁰

4 O MACONHEIRO E O ESTIGMA

Qualquer pessoa que fuja do padrão de comportamento, beleza, raça e de classe social é automaticamente lido diferente e chama atenção - muitas vezes de uma maneira negativa. O conceito de estigma surgiu na Grécia Antiga como uma das formas de diferenciar cada cidadão grego, mostrando para toda a sociedade local as castas a qual cada pessoa pertencia. Goffman (1963, p.5-37) explica que esse termo remonta a uma prática grega na antiguidade onde marcas físicas na pele serviam como castigo, marcando o indivíduo que por coincidência tenha praticado algum desvio de conduta grave, colocando-o numa situação social desfavorável diante da sociedade pelo resto de sua vida. O estigma é uma identidade apodrecida, devendo portando ser combatida e evitada, pois é lida como um mal social.

Ainda que seja possível observar contradições aos sentidos negativos que são vinculados ao usuário de maconha, a maior parte dos discursos ouvidos constantemente o coloca em um quadro quase sempre negativo. Em um contexto maior, aquele que faz uso de maconha é taxado como alguém irresponsável, “vagabundo”, bandido, criminoso e medíocre, produzindo assim a ideia do perigo

⁸ < <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/78-das-mortes-tem-relacao-com-o-traffic-de-drogas-diz-secretaria-de-seguranca-do-rn.ghtml> > Acessado em 11 de julho de 2019

⁹ < <https://www.fea.usp.br/fea/noticias/dados-mostram-que-guerra-drogas-ja-foi-perdida-diz-professor/> > Acessado em 9 de agosto de 2019

¹⁰ < <https://exame.abril.com.br/brasil/negros-sao-mais-condenados-por-traffic-e-com-menos-drogas-em-sao-paulo/> > Acessado em 8 de agosto de 2019

associada diretamente ao indivíduo usuário que, por sua vez, devido ao estereótipo em que foi infortunadamente inserido, não deve ser digno de confiança. Existe também a ideia de que o usuário é uma pessoa burra, fraca e incapaz de lidar com os problemas diários ou só um viciado. Aqui é possível notar que os “defeitos” expostos não são utilizados para vitimizar o sujeito, e sim para rebaixá-lo.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser – incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande. [...] Observe-se, também, que nem todos os atributos indesejáveis estão em questão, mas somente os que são incongruentes com o estereótipo que criamos para um determinado tipo de indivíduo. (GOFFMAN, 1963, p.6)

O estigma quando criado não afeta apenas o indivíduo, afeta também o modo comportamental de sua cultura. Termos foram criados durante as primeiras décadas após a criminalização em escala global dentre os usuários – parecido com o que se faz em prisões – para possibilitar o diálogo entre os “*maconheiros*” que se escondiam da repressão policial. A gíria mais difundida (antes usada como código e hoje símbolo da resistência canábica) é o “quatro e vinte”. Acredita-se que sua origem aponta para um grupo de adolescentes americanos da San Rafael High School em San Rafael, Califórnia, em 1971. Os adolescentes se encontravam às 4:20 pm (16:20) para fumar maconha fora da escola. O grupo se autodenominou “Waldos” porque os seus membros saíam por um muro (wall, em inglês) depois da escola.¹¹ O escritor Ryan Grim, citando entrevistas com Waldos anônimos, diz que o grupo se encontrava embaixo de uma estátua do Louis Pasteur nos terrenos da escola às 4h20pm para procurar por uma suposta plantação abandonada de maconha nos arredores sobre a qual eles ouviram falar. A consequência disso foi o isolamento da comunidade, onde o ritual de fumo da

¹¹ <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-o-horario-420-e-associado-a-maconha/>
Acesso em 02 de maio de 2019

planta precisa ser feito às escondidas, longe da sociedade e dos olhos dos cidadãos ditos serem de bem.

A simples precisão de tais contatos (entre normais e estigmatizados) pode, é claro, levar os normais e os estigmatizados a esquematizar a vida de forma a evitá-los. Presumivelmente, isso terá maiores consequências para os estigmatizados, à medida que uma esquematização maior de sua parte será sempre necessária. (GOFFMAN, 1963, pg.14)

Dentre as formas distintas de estigma descritas por Goffman, encontram-se as “culpas de caráter individual”. Segundo o autor, um exemplo de estigma é a própria ideia do vício, que é relacionada, por exemplo, à vontade fraca e desonestidade. O mais importante é que os estigmas sociais são relações de sentido que terminam desqualificando os sujeitos que possuam determinado atributo, que no caso específico é o hábito do uso da maconha.

É comum encontrar entre alguns sujeitos o costume de negar o uso, ou seja, a sua relação com o atributo. Essa negação é utilizada para legitimar os argumentos ou mesmo para não ser desacreditado no contexto de interação ou em qualquer âmbito. O estigmatizado para tentar sair de tal posição precisa ser dominante em funções vistas como de um nível mais alto na sociedade, às vezes fazendo esforços extremos – pessoas paraplégicas que para conseguir o respeito que deveriam ter independentemente de qualquer coisa, precisam provar ao mundo que podem fazer algo como, por exemplo, jogar basquete numa cadeira de rodas.

Os usuários precisam evitar, a qualquer custo, que o saber de terceiros sobre seu uso da cannabis atrapalhe sua vida de alguma maneira, já que deixar transparecer que alguma ação que ligue seu estado mental diretamente ao consumo, significa a perda total de credibilidade mesmo o indivíduo sendo mestre naquilo que se propõe a fazer.

O indivíduo estigmatizado pode, também, tentar corrigir a sua condição de maneira indireta, dedicando um grande esforço individual ao domínio de áreas de atividade consideradas, geralmente, como fechadas, por motivos físicos e circunstâncias, a pessoas com o seu defeito. (GOFFMAN, 1963, p. 12)

Pesquisas novas a respeito dos benefícios da maconha surpreendem a cada momento e a sociedade já se mostrou aberta em algumas ocasiões a aceitar o consumo como algo normal e natural. A desestigmatização do usuário é um processo lento e doloroso. Enquanto houver o estereótipo e a desinformação, haverá algum tipo de sofrimento ligado diretamente ao consumo, seja pela guerra ao tráfico ou pelos pacientes que precisam de remédios a base da maconha e ainda não possuem o devido acesso.

5 CANNABIS [CITY]

5.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Quando o tema do documentário já tinha sido elegido, a primeira coisa que fiz foi decidir minha equipe. Na época, estávamos todos envolvidos na gravação do TCC de um colega de curso e, após o termino das filmagens, decidi que queria trabalhar com essas mesmas pessoas mais uma vez pois, além de todos serem meus amigos próximos, se mostraram ótimos na correria de um set de gravação.

Por considerar o tema uma ideia simples, até mesmo fácil devido a abertura de debate e de pesquisas que existem hoje em dia, optei por uma equipe ultra-reduzida de inicialmente quatro pessoas: eu, Renato Mendonça (produção e operador de câmera), Marcella Oliveira (assistente de direção) e Roberto Farias (operador de áudio).

No dia 2 de Julho de 2019, entrei em contato com o Presidente da Liga Canábica, Julio Américo, e após me apresentar e explicar a proposta, ele topou em me encontrar para que eu pudesse falar mais a respeito do projeto. O encontrei 10 dias depois no NIETI, anexo do prédio da Reitoria da UFPB, onde ele trabalha como servidor público. Ao longo de uma conversa que durou quase 2 horas, saí de lá com a confirmação de que já tinha meu primeiro entrevistado.

Uma das maiores dificuldades em relação à equipe foi o fato de Renato e Marcella morarem em Goiana – PE. Só nos encontramos pessoalmente durante esse processo na primeira reunião de equipe, no dia da visita de locação e nos

dias de gravação, todo o resto foi via *whatsapp*. No dia 21 de Julho fui a Goiana para a primeira e única reunião de equipe. Lá decidimos todo o roteiro, os materiais necessários, o dia da visita técnica das locações pensadas (dia 29 de Julho) os primeiros dias de gravação (12, 13 e 24 de Agosto) e decidimos os entrevistados: o já citado Júlio Américo; a Professora Coordenadora da PEXCannabis, extensão de pesquisa sobre a planta na UFPB, Katy Lísias; Cassiano Texeira, Presidente da ABRACE; e três usuários recreativos da maconha.

Contatei o Professor João De Lima para reservar os equipamentos e o espaço do Cinema Aruanda para a gravação de uma das entrevistas no dia 12 de Agosto pela noite. No dia 24 de Julho, comecei a entrar em contato com os outros personagens decididos, e deleguei a Renato a tarefa de marcar com a Professora Katy, com quem já havia tido uma conversa prévia por mensagens explicando o projeto e ligar para o Julio, que confirmou disponibilidade para o dia 12 pela tarde.

Prontamente contatei o primeiro usuário recreativo: Thiago Bandeira, engenheiro civil, e maconheiro que topou sem relutar fazer parte. No mesmo dia mandei mensagem também para o segundo usuário, Thyago Henrique: estudante universitário e maconheiro que também aceitou dar a entrevista. Marquei com os dois para dia 12 de Agosto no Cinema Aruanda.

O próximo passo foi a visita de locação, no dia 29 de Julho. Nesse dia Renato e Marcella vieram a João Pessoa para fazermos juntos. O primeiro local que fomos foi o Laboratório de Farmacologia da UFPB, onde entrevistaríamos a Professora Katy Lísias. Depois de fotografar todo o laboratório e decidirmos a fotografia da gravação, seguimos para a ABRACE, numa tentativa de ultima hora de conseguir uma visita guiada dentro da associação e uma entrevista com o Presidente da associação, Cassiano Teixeira. Ao chegar lá nos foi dito que esse tipo de visita só era possível mediante um ofício da universidade. A última locação do dia foi a Câmara dos Vereadores de João Pessoa, iríamos usá-la como cenário ao entrevistar o Julio devido ao cunho político-militante da Liga Canábica.

No passo de resolver a última pendência, no dia 6 de Agosto consegui um ofício com a Professora Emília Rodat e levei-o na ABRACE. Na mesma hora a

receptionista da associação me levou a sala de marketing, onde ficavam os responsáveis por todo processo de divulgação e comunicação. Expliquei do que se tratava o meu projeto e eles ficaram de me confirmar no dia seguinte.

No dia 7, um dos responsáveis do marketing da ABRACE, Gefferson, me escreveu no whatsapp dando a positiva de que o Cassiano aceitou dar a entrevista e que poderíamos gravar o interior da Associação. Marcamos para o dia 13 de Agosto pela tarde.

Durante o tempo de espera que sucedeu o dia 7 até o dia 13, a Professora Katy avisou que não teria disponibilidade nos dias que tínhamos combinado. Tentamos depois por uma semana contato com a mesma, porém sem resposta. Até que, no dia 23 de Agosto, ela nos escreve dizendo que teria disponibilidade apenas no dia 29 do mesmo mês. Com essa data reservada e os dias correndo, entramos oficialmente na segunda semana de Agosto e no primeiro dia de gravação.

5.2 PRODUÇÃO

No dia 12, fui ao DECOM para encontrar com João de Lima e retirar os equipamentos solicitados uma semana antes: 2 câmeras CANON 5D OU 7D, 03 lentes, uma de 24mm, de 40mm e de 100m. 3 cartões de memória (dois de 16gb e um de 2gb para o gravador) uma lapela com microfone Sony UWP-11, um gravador H4N, um microfone boom e um tripé. Ao chegar lá, o professor falou que só tinha uma câmera disponível, a CANON 7D, peguei porem sem a segunda câmera não foi possível captar mais do que um ângulo ao mesmo tempo. Referente as lentes, também não tinha a 24mm, o que dificultou algumas ideias de planos mais abertos. Todos os equipamentos foram conferidos na sala, e mesmo assim tivemos problemas.

A primeira gravação, marcada inicialmente para acontecer na Câmara dos Vereadores precisou ser realocada devido à chuva que caía no dia e a falta de tempo nos impedia de remarcar. Pensamos em um plano b na hora e decidimos gravar no Espaço Cultural. Ao chegar lá encontramos uma exposição com fotos

antigas da cidade de João Pessoa e a utilizamos como *background*. Quando iniciamos a montar os equipamentos, notamos que o tripé veio com a base quebrada, e o microfone da lapela também. Mandei mensagem perguntando se haveria outro microfone e me foi dito que não. Todas as nossas entrevistas iriam ser realizadas em locais com ruídos e com os barulhos da cidade ao fundo, ao usar apenas o boom para captar o áudio, fiquei mais uma vez impossibilitado, agora de captar algo limpo. A entrevista com o Júlio começou as 15h, e para a sua realização utilizamos a lente 40mm com a abertura em $f2.40$. Ao pensarmos na fotografia da cena, optamos pela luz natural do espaço cultural, como decidimos a locação no dia, não tínhamos muitas opções.

Na terça-feira fomos fazer as filmagens dentro da sede da ABRACE e entrevistar o presidente da Associação, Cassiano Teixeira. Ao chegar lá fomos direto para as estufas, como nunca tínhamos entrado nesta parte antes tivemos que escolher o local para posicionar o entrevistado naquela hora, o que atrasou um pouco. A entrevista durou 25 minutos mais as filmagens das estufas, do laboratório de extração e detalhes do local. Mantemos o mesmo padrão de câmera da entrevista anterior, utilizamos a 40mm com uma abertura menor, deixamos em $f3.6$ devido às luzes do interior da estufa, que compuseram a fotografia da cena.

Ao anoitecer, fomos para a outra locação do dia, o Cinema Aruanda. Os entrevistados seriam os usuários Thiago Bandeira e Thyago Henrique, porém, o segundo citado precisou cancelar em cima da hora e disse que não iria poder mais conceder a entrevista. Thiago Bandeira foi o único entrevistado da noite. Para sua gravação mantivemos a lente 40mm e fechamos o diafragma a $f5.6$ pois a ideia da fotografia para as cenas dentro do Aruanda era a de uma luz pontual no entrevistado.

Com o cancelamento da entrevista, precisei mais uma vez pesquisar e encontrar alguém com propriedade pra falar sobre a vivência que eu procurava. Em 20 de Agosto, entrei em contato com uma amiga do curso de Relações Publicas, Catarina, que topou dar a entrevista e marquei com ela pro dia 30 de

Agosto, um dia após a entrevista com a Professora Katy, pois assim ficaria mais fácil a segunda retirada dos equipamentos.

A marcha da maconha aconteceu no dia 24 de Agosto e fui captar imagens com uma câmera T3i emprestada de um colega. Apesar da chuva e da limitação material, consegui boas imagens. Fui munido apenas de uma lente 18-55mm, o que dificultou algumas vezes, pois devido as chuvas o dia ficou escuro, assim como algumas das imagens. Durante o decorrer da marcha, conheci Bixarte, um artista de rua e poeta marginal. Não hesitei em chamá-lo para uma entrevista para o documentário - ele aceitou e marquei para o dia 30 do mesmo mês.

No dia 29 mais uma vez fui ao DECOM retirar os equipamentos. Utilizei os mesmos da primeira vez e, novamente, só havia uma câmera disponível, a mesma CANON 7D. Ao chegar no Laboratório de Farmacologia, montamos os equipamentos e, ao olhar na bolsa, vi que o cabo que conecta o microfone boom à vara não tinha sido posto no kit. Devido a correria, esqueci de fazer um *check-list* dos materiais. Voltei no departamento e peguei o cabo, pedi dois caso um estivesse com mau contato, porém só havia um disponível. De volta ao laboratório fomos terminar de montar e vimos que o cabo não era compatível com a vara. Devido ao horário apertado da professora, não tivemos como adiar mais e a solução foi gravar direto no gravador, o que resultou numa captação ampla com bastante ruído durante esses dois dias de gravação. Compusemos a imagem dessa personagem utilizando a luz natural que entrava pelas janelas do Laboratório. Mantive a 40mm e o diafragma ficou em f2.6, optamos por um quadro negro ao fundo para manter o tom acadêmico da conversa.

No ultimo dia de gravação, chegamos no Cinema Aruanda e ao invés de repetirmos a iluminação da gravação já feita com Thiago, resolvemos mexer na luz em cada entrevistado, mudando o posicionamento do foco de luz em cada um para representar os diferentes pontos de vista dos depoimentos concedidos. Catarina foi a primeira a chegar e sua entrevista durou 20 minutos. Logo após foi a vez de Bixarte, que deu uma entrevista de 30 minutos. Com o fim das gravações, descarreguei os cartões de memória e coloquei o equipamento no carro para

devolver no dia seguinte. A câmera ficou configurada igualmente para as duas entrevistas, a lente 40mm e a abertura em f5.6.

Finalmente, com todos os depoimentos captados e com as autorizações para uso de imagem e voz dos personagens do filme em mãos, estava tudo pronto para partirmos para a próxima etapa.

5.3 PÓS- PRODUÇÃO

A etapa de pós-produção precisou ser gravemente adiada devido a problemas técnicos. Com o prazo em cima da hora, foram 5 dias intensos de edição, regados de momentos de desespero e pensamentos de desistência devido ao prazo apertado. Para a edição, usei o software Adobe Premiere 2018. O primeiro passo foi ouvir todas as entrevistas e filtrar o que iria aparecer ou não. Montei um *workflow* onde separei os vídeos bons dos ruins de cada um dos entrevistados. O processo foi direto na linha do tempo do software, em um processo de ouvir e excluir o que eu achava desnecessário para a narrativa. Resolvi considerar, majoritariamente, apenas as falas que informavam sobre os benefícios medicinais da planta e as que tratavam sobre as questões raciais e sociais que envolvem a criminalização, dando um tom mais político ao documentário. Depois de feito, o próximo passo foi montar o primeiro corte na estrutura narrativa correta, estava usando o roteiro como esqueleto, mas, o documentário por ser um dispositivo mais livre, nem sempre condiz com o previsto. Na madrugada do dia 06, finalizei o primeiro corte do produto, com uma duração de 29 minutos.

A estrutura real do produto só foi decidida realmente no momento da montagem. Intercalei um entrevistado sobre a parte medicinal da planta com um que fala sobre o uso recreativo e utilizei imagens captadas na Marcha da Maconha para fazer a maioria das transições entre um e outro, como se fosse uma espécie de apresentação ao tópico que irá começar a ser discutido, para essas cenas de transição optei por utilizar o preto e branco, por questões puramente estéticas. Os cortes foram, em sua maioria, para preto, indicando um começo e um fim do

depoimento, porém, não dispensei os cortes mais comuns como o seco e a dissolução cruzada de uma cena para outra.

A ideia inicial do documentário, apesar dos contratempos foi preservada. A maior dificuldade foi a escassez de material de apoio para utilizar no momento da montagem e o curto tempo que me sobrou para finalizá-lo. No dia 9 de Setembro finalizei o segundo corte do produto onde o considerei quase todo pronto, faltando apenas realizar uma correção de cor e adicionar os créditos finais. Esse corte totalizou em 24 minutos.

Uma das minhas maiores dúvidas em relação ao fluxo narrativo do documentário foi sobre o uso de trilha sonora ou não. Durante o processo de assistir as imagens captadas no interior da ABRACE, lembrei que eles usam musicoterapia para o cultivo das plantas: nas estufas tocam continuamente músicas clássicas. Escolhi utilizar essa estética, colocando a mesma música tocada na estufa como *background* para a entrevista do Cassiano: Chopin – Nocturne OP.9 No.2. Referente ao resto do produto, optei por deixar sem trilha e, fora a sequência dentro da ABRACE, o único momento com algum som não diegético no filme é na entrada do letreiro de abertura do produto, onde é possível ouvir um pequeno barulho de interferência com a intenção de causar um pequeno incomodo, dando o tom certo ao documentário.

Após um quase término, segui um procedimento básico: reassistir todo o conteúdo para ter a certeza de que não deixei nada importante de fora do filme e se ainda conseguiria tirar algo que estivesse cansando o espectador.

O terceiro e último corte foi feito no dia 11 de Setembro. Retirei mais alguns minutos, fazendo com que o tempo total do documentário fechasse em 22 minutos e inseri os créditos finais. Para finalização pedi a um colega editor, Wladimir Carvalho “*Wlad*” assumir, que realizou a correção de cores do filme - deixando-o mais saturado, com menos contraste e com menos sombras em alguns takes - e a correção de áudio. A finalização foi realizada no software *Adobe Premiere 2018*. Com a etapa de edição, montagem e finalização concluída, renderizei o filme e exportei-o em *FULL HD* comprimido em H.264 e formato final em MP4. O tamanho final do arquivo ficou em 1.79gb.

6 CRONOGRAMA EXECUTADO

MÊS	DESCRIÇÃO
MAIO / 2019 JULHO / 2019	<ul style="list-style-type: none">• Pesquisa• Pré-produção
AGOSTO / 2019	<ul style="list-style-type: none">• Produção
AGOSTO / 2019 SETEMBRO / 2019	<ul style="list-style-type: none">• Pós-produção• Elaboração do plano de edição• Início das atividades edição.• Montagem geral do filme• Primeiro corte;• Ajustes finais da montagem;• Correção de cor e luz em <i>Adobe Premiere</i>;• Finalização de som em <i>Adobe Premiere</i>;• <i>Render</i> Final;• Conclusão do relatório final;• Defesa do projeto;

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início do curso este era o momento que eu mais temia. Sempre fui muito inseguro e tento até hoje romper com esse problema. Escolher um tema visto como polêmico não foi fácil, aguentar opiniões, olhares e julgamentos gasta muito da sua energia, mas foi exatamente pra isso que idealizei este documentário. Apesar de todos os problemas que aconteceram me sinto satisfeito com o resultado final, aprendi com os erros e sinto que consegui passar a mensagem desejada e cumpri meu papel social como graduando em Comunicação. Os tempos não estão fáceis. Me sinto privilegiado por poder concluir esse ciclo da minha vida em meio a esse momento de sucateamento generalizado à Educação brasileira. A realização desse documentário foi marcada por diversas falhas nos equipamentos, mas pelo menos eu tive algum equipamento. Nossas Universidades Federais estão morrendo e o sonho de vários de uma educação superior está caminhando na mesma direção.

REFERÊNCIAS

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982, p. 5-37.

AS DIVERSAS faces da proibição da maconha no Brasil. **Pragmatismo Político**, 2017. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/05/diversas-faces-proibicao-maconha-no-brasil.html/>>.

CRIMINALIZAÇÃO racista da maconha. **Mídia Ninja**, 2018. Disponível em: <<http://midianinja.org/andrebarros/criminalizacao-racista-da-maconha/>>.

MENEZES, Clara. Epilepsia atinge 1,9 milhão de brasileiros. **Portal Donic**, 2017. Disponível em: <http://portaldonic.com.br/jornalismo/2017/05/24/epilepsia-atinge-19-milhao-de-brasileiros/>

MENEZES, Cynara. Criminalização da maconha e racismo. **Socialista Morena**, 2015. Disponível em: <http://www.socialistamorena.com.br/criminalizacao-da-maconha-e-racismo/>

VARELA, Drauzio. Drauzio Dichava. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7fpBrVl883Y/>

CARLINI, Elisaldo. **A história da maconha no Brasil**. Rio de Janeiro, 2006

PEREIRA, Amanda. **O uso de maconha como estratégia de redução de danos em dependentes de crack**. Santa Maria, 2011.

GREGOLIN, Maira, SACRINI, Marcelo, TOMBA, Rodrigo Augusto. **Web-documentário: uma ferramenta pedagógica para o mundo contemporâneo**.

Campinas, 2002, 120f – Faculdade de Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas 2002.

RONDELLI, Elizabeth. **Realidade e Ficção no Discurso Televisivo**. Imagens. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

PENAFRIA, Manuela. **O Filme Documentário: história, identidade, tecnologia**. Lisboa : Edições Cosmos, 1999.

ANEXOS

• ROTEIRO ORIGINAL

CANNABIS

[CITY]

(curta-metragem documental)

Um filme de Caio Brito

SEQ. 01.1 - ESTÚDIO DA UFPB - INT. DIA

Depoimento do USUÁRIO 01 respondendo à seguinte bateria de perguntas:

1. Você já sofreu baculejo?
2. Você conhece alguma pessoa que foi presa por porte ilegal de maconha?
3. Você diria que é viciado?

SEQ. 01.2 - ESTÚDIO DA UFPB - INT. DIA

USUÁRIO 02 responde às mesmas perguntas que o USUÁRIO 01

1. Você já sofreu baculejo?
2. Você conhece alguma pessoa que foi presa por porte ilegal de maconha?
3. Você diria que é viciado?

[cut to black]
[TÍTULO DO FILME]

SEQ. 02 - MARCHA DA MACONHA - EXT. DIA

Imagens de arquivo de várias edições da Marcha da Maconha em João Pessoa. Inicia com gritos de ordem e termina com a marcha do ano 2019.

[SOM: FADE OUT/FADE IN VOZ OVER DE JÚLIO]

SEQ. 03 - FRENTE DA CÂMARA DOS VEREADORES - EXT. DIA

JÚLIO está sentado em frente à câmara municipal dos vereadores de João Pessoa e discorre sobre os seguintes tópicos:

- histórico da marcha da maconha em João Pessoa;
- o surgimento e atuação da liga canábica em João Pessoa e sua diferença em relação à ABRACE;
- seu envolvimento com a Liga;

SEQ. 04 - MANCHETES DE JORNAIS - ARQUIVO

Compilação de notícias veiculadas em jornais e portais sobre a atuação da liga canábica, da ABRACE e das decisões judiciais que possibilitaram o cultivo da cannabis para fins terapêuticos na Paraíba.

SEQ. 05 - SEDE DA ABRACE - INT. DIA

CASSIANO responde às seguintes perguntas dentro das instalações da Associação:

1. Como funciona a fiscalização da ANVISA nos pontos de cultivo autorizados?
2. Como surgiu a ABRACE e o que a diferencia da Liga Canábica?
3. De que modo ocorreu a autorização legal para tal prática?
4. Como funciona a extração do óleo e quais profissionais estão envolvidos nessa etapa?
5. Quais são as maiores dificuldades que a ABRACE enfrenta em termos de produção e distribuição dos derivados da cannabis?
6. Quantos pacientes são beneficiários direto da ABRACE atualmente?

Durante seu discurso, vemos blocos de imagens captadas nas diferentes seções no interior da ABRACE.

SEQ. 06 - FRENTE DA CÂMARA DOS VEREADORES - EXT. DIA

JÚLIO agora fala sobre a importância da conscientização da população a respeito do uso terapêutico e recreativo da cannabis sativa.

SEQ. 07 - SEDE DA ABRACE - INT. DIA

Transição com imagens em timelapse dentro da estufa de plantio da ABRACE.

SEQ. 08 - LAB DE FARMACOLOGIA - INT. DIA

Em plano aberto a professora Katy entra na sala, cumprimenta a equipe e se acomoda no seu assento.

[CORTE PARA PLANO MÉDIO]

Em desfoque, KATY se prepara para a entrevista de maneira informal enquanto faz os últimos ajustes na aparência ou fazendo qualquer outra coisa. Um espelho se encontra localizado atrás da câmera de modo que ela consiga se enxergar.

[CORTE SECO]

No mesmo enquadramento, a professora KATY então responderá às seguintes perguntas:

1. Como começou o projeto de extensão?
2. Quantos alunos estão envolvidos nas pesquisas?
3. Qual a perspectiva de futuro para as pesquisas?
4. Quais doenças podem ser tratadas atualmente a base da cannabis?
5. Houve resistência por parte da Universidade para a criação da pesquisa?
6. Atualmente, qual a maior dificuldade enfrentada pelo projeto?

Durante seu depoimento, teremos imagens de apoio filmadas nas reuniões da extensão.

SEQ. 09 - CASA DE CAIO - INT. NOITE

[TRANSIÇÃO]

PLANO MACRO DA CERA SENDO QUEIMADA.

[fade out]

SEQ. 10 - ESTÚDIO DA UFPB - INT. NOITE

USUÁRIO 01 e 02 encaram a câmera em silêncio e em lados opostos do enquadramento.

[corte seco]

SEQ. 10 - ESTÚDIO DA UFPB - INT. NOITE

THIAGO e THYAGO respondem às seguintes perguntas:

1. Com quantos anos você começou a fumar maconha?
2. Você se sente ameaçado quando está sob efeito em local público?
3. Você acredita que o uso continuado afeta seu desempenho acadêmico ou profissional?
4. Já duvidaram da sua capacidade intelectual após descobrirem que você fuma?
5. Vocês enquanto maconheiros de João Pessoa, sentiram diferença quando viajaram pra outro estado?
6. Como você enxerga as políticas públicas a respeito da conscientização da cannabis terapêutica?
7. Dê sua opinião a respeito do uso terapêutico/medicinal da cannabis.

SEQ. 11 - CRÉDITOS

[TRANSIÇÃO COM IMAGENS DE FUMAÇA]

Enquanto os créditos rolam, todos os entrevistados respondem à seguinte pergunta:

“O que você pensa sobre a máxima de que a maconha é a porta de entrada para outras drogas?”



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE RADIALISMO

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Eu, Cano Bruno Bandeira,
aluno (a) regularmente matriculado (a) no Curso de Radialismo, matrícula
11425861, na disciplina TCC II, assumo
total responsabilidade sobre o Trabalho de Conclusão de Curso de minha autoria e
autorizo sua divulgação na web, assim como seu armazenamento na forma que dispuser
a UFPB.

João Pessoa, 18 de Setembro de 2019.

Cano Bruno Bandeira
Assinatura do(a) discente



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE RADIALISMO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO

Eu, Caio Bruto Bandeira,
portador do RG de nº 3914-351, inscrito no CPF sob o nº
008-519-824-25, acadêmico regularmente matriculado sob a matrícula
11425861, no Curso de Radialismo da UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA, autorizo que a IES ou meu orientador divulgue a obra intitulada
" Cannabis City "

em qualquer canal de comunicação e que a mesma seja encaminhada para submissão e posterior publicação em eventos e/ou periódicos de caráter científico, desde que seja preservada a autoria da obra, e até que cesse esta autorização.

João Pessoa, 18 de Setembro de 2019.

Caio Bruto Bandeira
Assinatura do (a) discente



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE RADIALISMO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Discente: CAIO BRITO BANDEIRA

Matrícula: 11425863

Título do Trabalho:

Cannabis City

Professor (a) orientador (a): Lúcio César Fernandes Muelo

Professor (a) co-orientador (a): _____

Declaro, a quem possa interessar, que o presente trabalho é de minha autoria e que responderei por todas as informações e dado nele contidos, ciente da definição legal de plágio e das eventuais implicações.

João Pessoa, 18 de Setembro de 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE RADIALISMO

ATA DE DEFESA DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 18 dias do mês de Setembro, do ano de 2019, realizou-se nas dependências do Departamento de Comunicação da UFPB a cerimônia de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Canablis City

apresentado pelo (s) aluno (s):

Caio Brito Bonafim Matrícula 1192586
Matrícula _____

examinado pelos professores:

Luís César Fernandes Melo Orientador (a), Nota: 10,0
Luiz Antonio Kosillo Ly U Membro da Banca, Nota: 10,0
Artur Barbosa Lima Moura Membro da Banca, Nota: 10,0
e aprovado (s) com média: 10,0

Na qualidade de presidente dos trabalhos, lavro esta ata, a qual dou fé e subscrevo.

João Pessoa, 18 de Setembro de 2019

Luís César Fernandes Melo
Presidente da Banca